

# Crenças



**Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper<sup>1</sup> nos fala sobre termos e mentalidades:**

## Crenças

Original: [educacion.press/2018/04/05/terminos-mentalidades-creencias/](http://educacion.press/2018/04/05/terminos-mentalidades-creencias/)

Já se perguntou alguma vez porque crê no que crê? As posturas que você sustenta se devem às suas crenças ou às emoções que despertam essas posturas? Pode alguém decidir no que crer? Porque costumamos entender as crenças como normativas, inclusive contrárias às emoções? O que é crer? E, se crê em pessoas ou em ideias?

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

Sabe-se que as emoções e as crenças se influenciam bidirecionalmente. Por exemplo, existem estudos que mostram que damos maior credibilidade às notícias se estas se ajustam a nossas crenças e se, ademais, a notícia é agradável. Nos outros casos, não está claro o que acontece. Também se sabe que, em média, entre os 20 e os 40 anos as pessoas dão mais credibilidade às notícias desagradáveis. A relação entre ambas é muito forte, de tal forma que o efeito da emoção depende da crença sobre a sua influência. Por exemplo, se para fazer uma tarefa a pessoa acredita que será mais eficiente ao encontrar-se em um estado emocional (nervoso ou relaxado) concreto, será certamente mais eficiente quando estiver nessa situação emocional. Ou seja, os que pensavam que a situação ideal era estar tranquilos atuavam com eficiência ao estar tranquilos e não ao estar nervosos. Porém, se diante da mesma tarefa, outra pessoa pensava que seria mais eficiente se estivesse nervosa, então era eficaz ao estar nervosa e não era ao estar tranquila.

Experiências como estas nos fazem perguntar porque cremos o que cremos ou porque me emociona o que me emociona. Creio em algo porque me emociona ou me emociona porque eu creio? Neste artigo desenvolvemos o encontro entre a crença e emoção, porém isso não quer dizer que as crenças e as emoções se relacionam bidirecionalmente, à margem de outro mar de relações como as experiências vividas, os objetivos que as pessoas têm, a qualidade das relações, etc.

Em UpToYou não queremos compreender nada à margem da complexidade de todas as relações. Mas foi São Tomás quem disse que vale a pena chegar ao mar pelos Rios. Percorramos agora o rio crenças-emoção com a esperança de poder conhecer o mar e, ao conhecer o mar, compreendemos melhor o rio.

É difícil clarear o tema se não esclarecemos antes o que é crer. Preciso esclarecer que, quando usamos a palavra crer, não me refiro a crença religiosa (professar uma fé concreta), nem a um tipo de conhecimento inseguro ou incerto. A crença é este esquema mental que temos sobre como somos nós mesmos, nossas relações e o mundo mesmo. Neste sentido, crença se parece com outras palavras como cosmovisão ou mentalidade. Por exemplo, quando você se levantou esta manhã, baixou os pés da cama porque acreditava-pensava (ainda que não raciocinasse a essa hora) que, se ontem a lei da gravidade estava ativa, também estaria hoje pela manhã. As crenças assim vistas, marcam toda a nossa vida e, graças a elas, podemos viver em um mundo muito complexo. Porque as crenças me permitem fazer coisas sem ter dados ou me permitem interpretar os poucos dados que captamos da realidade. As crenças são, pois, este esquema mental que aplicamos à realidade e que nos permite entendê-la. Sem crenças, a vida seria tão complicada que

morreríamos, pois em cada momento teríamos que aprender tudo e, quando tivéssemos conhecido a realidade, já haveríamos sofrido algum acidente. Compreender a totalidade tendo poucos dados nos ajuda a sobreviver neste mundo, e são as crenças, junto com outras dimensões (como a intencionalidade da ação, por exemplo), as que nos ajudam a formular um juízo do que está acontecendo.

Isso nos permite ver que as crenças têm a ver com o processo pessoal de aprendizagem. Nas crenças se encontra o depósito de tudo o que temos aprendido. As experiências que vivemos, que certamente são bem emocionais, as vamos elaborando com os processos muito subjetivos, de tal forma que pouco a pouco vão se dotando de significado (ver o termo significado) e, na medida que as recordamos, vamos ressignificando (ver os termos memória e ressignificação). Mas as crenças são mais que os significados das coisas, pois as crenças são a forma que temos de dar unidade ao mundo de significados. Viriam a ser algo assim como o significado dos significados. Este mundo de crenças, na medida em que vai se formando, vai ganhando em entidade até que seja um princípio operante desde o qual nos situamos diante da realidade.

Ao ser um princípio desde o qual acessamos a realidade, as crenças estão influenciando na mesma experiência emocional da realidade. Isto já mostra que as emoções influenciam nas crenças e no processo de formação e, uma vez formadas, são essas as que influenciam nas emoções. Porém, diante de cada nova experiência, nosso mundo está posto à prova e, portanto, as crenças estão em contínua reelaboração.

Porém, ainda não temos claro o que é crer. Na introdução do artigo formulei a pergunta: acreditamos em pessoas ou em ideias? Responderei à pergunta a partir de um texto bíblico, para ver como dentro da própria Bíblia aparecem distintas formas de compreender o que é crer. No Evangelho de Lucas encontramos um diálogo curioso onde falam os demônios pela boca de um endemoninhado. O texto diz:

"Havia na sinagoga um homem possuído pelo espírito de um demônio imundo, que começou a gritar: - O que tens contra nós, Jesus de Nazaré? Veio para destruir-nos? Sei quem és: o consagrado de Deus! Jesus repreendeu-lhe, dizendo: - Cale-se e saia dele!"

A verdade é que chama atenção a quantidade de coisas que sabem os demônios. Os demônios podem reconhecer que na pessoa de Jesus está o Filho de Deus, sabem que Deus quer o bem do ser humano e sabem que tem o poder para consegui-lo. Os demônios sabem muito. É curioso, porque se você pergunta a alguém o que é acreditar em Deus, tem gente que contestaria que crer em Deus é acreditar que existe, que tem um plano de como têm que ser as coisas (mandamentos, por exemplo) e que tem o poder para concretizá-lo. Ou seja, para algumas pessoas, crer é crer em ideias, mas para essas pessoas haveria que dizer que têm uma fé de estilo demoníaca, porque isso os demônios já acreditam.

Na Bíblia também encontramos outra forma de entender a fé. Uma fé pessoal. Se trata de um momento ao qual Pedro é consciente de que traiu Jesus, porém apesar disso diz: "Senhor, tu sabes tudo, sabes que te amo", e Jesus responde-lhe: "Segue-me". Aqui aparece outra forma de entender a fé, como entrega pessoal. Os demônios sabem muitas coisas e fazem muitas coisas. Pedro sabe poucas, e as que faz, não é que lhe saiam muito bem. Mas há uma coisa que Pedro faz e que não fazem os demônios: Pedro se entrega a uma relação interpessoal com Jesus, se confia a ele.

Para os demônios, crer é entendido como certa adesão a certa forma de entender o mundo e crer é acreditar em ideias. Para Pedro, crer é uma relação interpessoal, e se acredita em uma pessoa. Existe, pois, uma clara contraposição entre a referência à normatividade e a referência a relação interpessoal.

Os demônios e Pedro nos ajudam a entender o que é crer. Antes dissemos que as crenças são este “esquema mental que temos sobre como sou eu, nossas relações e o mundo mesmo”. Porém, isso poderia entender-se como referência a uma normatividade de como são as coisas ou como uma referência às relações interpessoais. Nossas crenças não são, portanto, uma lista mais ou menos normativa do que significam as coisas, e sim a expressão conceitualizada da forma de relacionar-me com este mundo segundo as relações interpessoais que desenvolvemos.

Essa discussão é paralela à discussão sobre o que é o significado de algo (ver termo significado). Significado não é meramente um conjunto de dados ou características agrupadas por sua frequência de aparição em relação ao objeto, e sim que o significado é primeiramente a expressão do valor de uma realidade nas relações interpessoais de onde se dá.

Se entendemos que as crenças se formaram a partir do mundo de significado no encontro interpessoal, então crer algo é crer na melhor forma de relacionar-se com alguém. Neste caso, a crença (enquanto princípio teórico) deixa de ter esta função normativa para ser uma fonte a mais de informação para que a pessoa, situando-se diante da complexidade da vida, decida o que fazer. Estou seguro que afirmar que as crenças não são normativas despertará preocupação em muitas pessoas. Normativo quer dizer que algo deve moralmente ajustar-se a este plano. Porém, se as crenças são subsequentes à relação interpessoal, não tem sentido que logo elas se ponham a governar a relação interpessoal.

Poderíamos propor, a modo de pergunta: Para que você crê? Para que servem as crenças? Antes disse que as crenças nos ajudam a saber nos situar, pois, se cada vez tivéssemos que aprender tudo ou tivéssemos que estudar todos os dados, já teríamos morrido. Nesse sentido, as crenças são normativas porque nos ajudam a saber situar-nos e a interpretar a realidade. Porém, se as crenças são rígidas, acabam impedindo o encontro com a novidade que supõe a presença de uma pessoa. Conhecemos isto, por exemplo, através do problema que causam os preconceitos. Suponho que todos nós já vivemos alguma vez o erro que os preconceitos nos levam a cometer, por exemplo, ao julgar alguém porque acreditamos não sei quê, e logo nos damos conta que não soubemos descobrir a beleza do outro. Por isso, toda a crença, e também a religiosa, penso que não pode ser normativa. Ou seja, a referência não pode ser a norma, senão o outro em sua presença concreta. Por isso, as crenças também têm que submeter-se a esta referência. Uma crença que não ajude a poder encontrar-me com outro como pessoa de pouco me serve.

Pedro nos mostrou que crer entregando-se fomenta o encontro. Repito, se as crenças surgem de dar unidade ao mundo de significados e os significados mostram o valor do mundo no cruzamento das relações interpessoais, então as crenças, em sua raiz mais íntima, condensam a experiência de nossos encontros interpessoais. Por isso, não tem nenhum sentido dar à crença um valor normativo por si, e sim colocá-la ao mesmo serviço do encontro interpessoal. Onde a crença é uma crença-ideal é fácil que surja todo tipo de fanatismo: político religioso, social... Onde a crença é uma crença-entrega, é fácil que surja a acolhida pessoal.

A vida e a experiência de relação pessoal vão adiante de qualquer processo de idealização ou conceitualização. Piaget, a quem se costuma acusar injustamente de centrar-se demais no desenvolvimento cognitivo como uma potência individual, dizia que atuamos por princípios psicológicos antes de princípios conceituais. A vida

antecede. E Vygostky, que se costuma colocar como contraponto de Piaget, assinalava que a vida e as relações interpessoais são as que dão significado à realidade, pois os objetos não têm significado em si.

Também poderíamos nos perguntar pelas crenças que tem um professor quando entra na sala de aula. Se o professor acredita que educar é uma questão técnica, de adquirir umas competências, então contrastará o aluno com uma normatividade, colocará o aluno a serviço da competência e regulará a suas relações com o aluno em função de tal normatividade. Se, ao contrário, o professor acredita que educar é ajudar a que as pessoas cresçam, colocará as tarefas a serviço do desenvolvimento do aluno e viverá uma relação interpessoal com um aluno, de proximidade e encontro. A verdade é que vale a pena perguntar-se pelas crenças que têm os professores que tratam de seu filho. Possivelmente, alguns tenham umas crenças normativas (crença-ideia) do que deve ser a aula, e tudo o ajustam a isso, e outros terão algumas crenças a serviço do encontro interpessoal (crença- entrega). Digo que tem que estar atento a isto, não só porque está afetando a forma de tratar aos alunos, senão porque, com as experiências vividas, também estão educando os alunos em uma forma de crer.

Se o que você acredita não serve para o encontro interpessoal, para que acredita? Nesse sentido, a discussão do princípio, de se vem primeiro as crenças ou as emoções, ficaria resolvido, porque o primeiro (e o último) é relação interpessoal. Tanto as emoções e as crenças nascem pela forma de viver umas relações interpessoais e convém tomá-las como uma ajuda para o encontro interpessoal.

Espero que este artigo tenha lhe ajudado a entrar no mar das relações interpessoais através do rio das crenças-emoções.